

**12626 - Desafios da educação em Agroecologia: A experiência do curso de Especialização “Convivência com o Semi-árido na Perspectiva da Segurança e da Soberania Alimentar e da Agroecologia”<sup>1</sup>**

*Challenges of Education in Agroecology: the experience of Specialization Lato sensu Living with the Semi-arid in the Perspective of Security and Food Sovereignty and Agroecology*

AGUIAR, Maria Virginia de Almeida<sup>1</sup>; FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra<sup>2</sup>; TAVARES, Zênia Maria<sup>3</sup>

<sup>1</sup>UFRPE/Dep. Educação/Núcleo de Agroecologia e Campesinato, [mvirginia.aguiar@gmail.com](mailto:mvirginia.aguiar@gmail.com). <sup>2</sup>UFRPE/Dep. Educação/Núcleo de Agroecologia e Campesinato, [mfigueiredoufrpe@gmail.com](mailto:mfigueiredoufrpe@gmail.com). <sup>3</sup>UFRPE/Dep. Ciências Domésticas/Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, [zeniatavares@yahoo.com.br](mailto:zeniatavares@yahoo.com.br).

**Resumo:** A educação em Agroecologia é um desafio importante para estabelecer processos de convivência com o Semi-árido e para a segurança e soberania alimentar de camponeses que vivem na região. O presente artigo apresenta questões relativas a educação em Agroecologia à partir de uma experiência de um curso de especialização voltado para o Semi-árido pernambucano.

**Palavras-chave:** Educação em Agroecologia; convivência com o semi-árido; campesinato; segurança e soberania alimentar;

**Abstract:** Education in Agroecology is a major challenge to establish processes of living with the semi-arid and security and food sovereignty of farmers living in the region. This article presents issues related to education in Agroecology from the experience of a specialized course aimed at the semi-arid region of Pernambuco.

**Key words:** Education in agroecology; living with the semi-arid; peasantry; food security and sovereignty;

## Introdução

O sistema de ciência e tecnologia convencional e as políticas públicas voltadas para o rural identificam o Semi-árido brasileiro como uma região problema, como a terra das secas e das calamidades, o que pretensamente explicaria seu atraso econômico. Assim, as formas de intervenção “pública” neste campo sempre estiveram centradas em práticas de assistência emergencial aos flagelados e de combate à seca e aos seus efeitos. Em função desta compreensão quase sempre generalizada, as intervenções públicas governamentais buscaram importar soluções tecnológicas por meio da chamada “solução hidráulica”, caras e dependentes de conhecimentos externos e foram propostas políticas voltadas para a modernização da base econômica regional (SILVA, 2006).

A formação profissional em ciências agrárias realizadas por instituições de ensino superior vincularam geralmente sua matriz curricular a tal perspectiva, onde predomina o enfoque tecnicista. Não obstante, a prevalência deste reducionismo, ele vem sendo paulatinamente criticado e vem sendo propostas outras abordagens mais sistêmicas, que consideram o potencial endógeno da região, tanto socioeconômico como ambiental, como dimensão central para a geração de conhecimentos pertinentes a realidade cultural e

ecológica da região. A educação contextualizada e fundamentada nos princípios teóricos e metodológicos da Agroecologia se debruça sobre este desafio com a finalidade de reorientar a formação profissional e, com isto, contribuir com a mudança do paradigma dominante ainda presente nos cursos de ensino superior. À partir do diálogo entre Agroecologia e convivência com o semi-árido, propõe uma abordagem diferente da visão economista que historicamente desqualifica a região como símbolo de atraso. Além disso, uma educação em Agroecologia pressupõe processos pedagógicos fundados em uma sólida formação crítico-reflexiva, cultural, humanística, política, generalista e comprometida com o desenvolvimento rural, o protagonismo dos agricultores familiares nas suas diferentes expressões e a sustentabilidade da produção agropecuária, florestal e extrativa (AGUIAR, 2010).

Apresentamos aqui alguns elementos sobre educação em Agroecologia à partir de uma proposta de educação socialmente referenciada no contexto do semi-árido adotada pelo curso de pós-graduação em nível de especialização *latu sensu* “Convivência com o Semi-árido na Perspectiva da Segurança e da Soberania Alimentar e da Agroecologia”, realizado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, através do Departamento de Educação e do seu Núcleo de Agroecologia e Campesinato e do Departamento de Ciências Domésticas.

## **DESAFIOS DE UMA FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA**

Este curso de especialização<sup>1</sup> tem como objetivo promover uma formação em Agroecologia à partir do diálogo com dois eixos estruturantes para o processo de construção do conhecimento – a Segurança e Soberania Alimentar e a Convivência com o Semi-árido.

A Agroecologia foi abordada no curso como eixo central à partir de várias orientações teórico-metodológicas: Ecologia na agricultura; ciência da agricultura sustentável; agroecossistemas (GLIESSMAN, 1997); Diálogo de saberes; agroecossistemas (ALTIERI, 2002); Campo de conhecimentos e enfoque científico (CAPORAL, COSTABEBER & PAULUS, 2006); Manejo ecológico dos recursos naturais por meio de formas de ação coletiva (SEVILLA GUZMÁN, 2001); Instrumento de conhecimento para um pensamento reflexivo e crítico sobre a atividade produtiva e os processos locais de desenvolvimento e transformação da realidade (SCHIMITT, 2010; ALMEIDA, 2009); Agroecologia no Semi-árido (SILVEIRA et al, 2002).

A seguir, apresentamos a junção dos diferentes conteúdos e do referencial teórico metodológico no curso.

### **A abordagem agroecológica à partir de uma leitura problematizadora da realidade**

Para dar início no primeiro módulo do curso optou-se por trabalhar conteúdos relativos a construção social da idéia de “sertão”, foram considerados aspectos da evolução histórica

---

<sup>1</sup> O curso tem uma carga horária total de 360 horas, com um regime de 24 créditos e uma duração de 18 (dezoito) meses com término previsto para julho de 2012;

e geográfica da ocupação da região, a questão agrária, a formação do latifúndio (pecuarista) e as suas contradições no que diz respeito à apropriação privada da terra para produção de mercadorias, além das grandes obras de infraestrutura e seus impactos. Ressaltou-se que esta dinâmica vem gerando insegurança alimentar, pobreza e insustentabilidade ecológica de amplos segmentos sociais, particularmente o campesinato, que através de suas lutas sociais e resistências, constroem territórios de vidas e outras estratégias de desenvolvimento.

A peculiaridade do bioma Caatinga foi abordada através de conhecimentos sobre a cobertura vegetal na região e o significado e importância da biodiversidade. O tema da água como alimento também foi trabalhado através da discussão sobre a disponibilidade e distribuição das águas e os desafios e estratégias locais de acesso e disputa pela água, subsidiada pelo conceito de hidrotérios.

### **A idéia da convivência com o Semi-árido e a segurança e soberania alimentar**

A convivência com o Semi-árido vem sendo construída como “*uma perspectiva cultural orientadora da promoção do desenvolvimento sustentável no Semi-árido, cuja finalidade é a melhoria das condições de vida e a promoção da cidadania, por meio de iniciativas socioeconômicas e tecnológicas apropriadas, compatíveis com a preservação e renovação dos recursos naturais*” (Silva, 2006: p. 272). Associado a isso, nos estudos sobre segurança e soberania alimentar foram feitas perguntas problematizadoras: A agricultura camponesa é capaz de produzir alimentos para a população mundial? Quais são as estratégias camponesas que contribuem para a soberania alimentar? A partir daí, foi trabalhado o debate nacional e internacional sobre a segurança e soberania alimentar, inclusive sobre a fome e o direito humano à alimentação. Também foram trabalhadas as mudanças nos sistemas agroalimentares e de consumo, a contaminação dos alimentos por agrotóxicos e a reação dos movimentos sociais camponeses através de suas lutas.

A Agroecologia orienta as práticas de convivência ajustadas às especificidades dos sistemas ecológicos e sociais locais, de valorização dos recursos locais, com manutenção da biodiversidade funcional, com a revalorização das práticas de policultivo, o manejo e conservação da variabilidade genética das plantas cultivadas e animais de criação, o manejo sustentável da caatinga, a constituição e o manejo de estoques de recursos e a valorização produtiva dos espaços com alto potencial de produtividade biológica (Silveira et al, 2002).

### **Gênero e juventude**

Para abordar o tema gênero<sup>2</sup> e juventude trabalhou-se as relações sociais à partir de uma reflexão sobre a sociedade brasileira contemporânea e a ordem patriarcal na agricultura camponesa brasileira. Ressaltou-se a participação das mulheres no trabalho produtivo e reprodutivo, dando ênfase às ações e práticas das mulheres para a promoção de segurança alimentar. Também foi trabalhada a idéia das mulheres e da juventude rural como “novos” sujeitos políticos do mundo rural.

---

<sup>2</sup> Também procurou-se trabalhar o tema gênero de forma transversal nos outros módulos, onde destacamos as reflexões realizadas no módulo de Agroecologia e Segurança e Soberania Alimentar;

## **Estado e sociedade na promoção da segurança e soberania alimentar**

Para uma aproximação ao debate sobre estado e sociedade na promoção da segurança e soberania alimentar, adotou-se várias estratégias. A primeira delas foi a adoção de um critério de seleção para o curso que priorizou a participação de profissionais portadores de experiência neste campo, com atuação em instituições governamentais e não-governamentais.<sup>3</sup> Além disso, para uma melhor aproximação do curso com práticas sociais concretas, foram estabelecidas parcerias<sup>4</sup> com organizações que atuam na região do Semi-árido. Um dos módulos do curso foi dedicado a compreensão do Estado enquanto categoria de análise e concretização da sociedade contemporânea, bem como o estudo do processo de descentralização das políticas públicas para o desenvolvimento do Semi-árido, focando a segurança e soberania alimentar. Ressaltou-se o envolvimento de um conjunto de atores na arena pública, através da criação e funcionamento de conselhos e fóruns, na busca de uma governança democrática.

### **UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA**

O Curso foi realizado em regime presencial e previu a realização de encontros e atividades práticas. Foram estruturados seis eixos integradores de conteúdos organizados através dos diferentes módulos e que contou com a participação de vários professores de diferentes áreas do conhecimento. A abordagem multidisciplinar também aconteceu através da socialização das diversas experiências dos participantes, inclusive da suas propostas de conclusão de curso. Para garantir uma orientação pedagógica integradora de conteúdos o curso seguiu a seguinte seqüência geral: problematização sobre uma realidade complexa ► diálogo entre áreas do conhecimento e teorias ► “intervenção” na realidade.

As aulas práticas permitiram que os estudantes conhecessem experiências da agricultura camponesa, além de exercitarem ferramentas e enfoques metodológicos, tais como, a abordagem sistêmica aplicada a sistemas agropecuários e a aplicação de ferramentas de avaliação de segurança e soberania alimentar.

Para a conclusão do curso os estudantes foram orientados a realizar uma sistematização de experiências de agricultores que trabalham com práticas agroecológicas. Foi estabelecida a seguinte pergunta de pesquisa: Como as experiências têm contribuído para a construção de processos camponeses de segurança e soberania alimentar com foco na transição agroecológica e na convivência com o semiárido? Com as sistematizações, se pretende que os estudantes tenham a oportunidade de recuperar conhecimentos produzidos por grupos envolvidos em práticas sociais concretas, com o fim de realizar uma análise crítica.

---

<sup>3</sup> Considerou-se Semi-árido pernambucano a região no estado de Pernambuco sujeita à desertificação constante do Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (MMA, 2005);

<sup>4</sup> São elas: o PDHC – Projeto Dom Helder Câmara; a DIACONIA; a ASA – Articulação do Semi-árido; o Centro Sabiá; o IPA – Instituto Agrônomo de Pernambuco; o CECOR - Centro de Educação Comunitária Rural e; o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido – NEPPAS da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, da UFRPE;

## CONCLUSÕES

Apresentamos algumas contribuições para alimentar este debate. Para colocar em prática essa proposta de educação em Agroecologia, a equipe se deparou com uma série de desafios que foram e vem sendo enfrentados no decorrer do processo. A formação dos educadores é um deles, principalmente devido à escassa produção acadêmica sobre a abordagem agroecológica sobre a região do Semi-árido. Outro desafio é a pouca experiência acumulada para trabalhar a produção do conhecimento agroecológico à partir de abordagens participativas e da integração de conteúdos. Também ressaltamos a dificuldade de se realizar uma abordagem de gênero em todos os conteúdos trabalhados no curso, devido à pequena experiência de alguns educadores neste campo. Cabe ressaltar o importante papel problematizador desempenhado por algumas estudantes que realizaram uma espécie de “vigilância epistemológica de gênero” durante todo o curso. Outro desafio diz respeito ao fato dos estudantes estarem imersos em suas atividades profissionais, não dispõem do tempo necessário aos estudos.

## Bibliografia Citada

AGUIAR, Maria Virginia de A. Educação em Agroecologia – que formação para a sustentabilidade? *Agriculturas*, v. 7, n°4, dezembro de 2010, pp.4-6

ALMEIDA, Silvio G. Construção e desafios do campo agroecológico brasileiro. In PETERSEN, P. (org.). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. Pp. 67-84

ALTIERI, Miguel A. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CONTIN, I. L.; PIES, N.; CECCONELLO, R. (Org.). *Agricultura familiar: caminhos e transições*. Passo Fundo: IFIBE, 2006. p. 174-208. (Praxis, 5).

MMA. Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca PAN-Brasil. Brasília, 2005

SCHMITT, Cláudia J. Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira. In BALESTRO, Moisés e SAUER, Sérgio (org.) *Agroecologia e os desafios da transição ecológica*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009. Pp. 177-204

SEVILLA-GUZMÁN, E. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, vol. 2, n. 1, jan./mar. 2001.

SILVA, R. M. A. da. *Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semi-Árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento*. Tese de Doutorado, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília – UNB. 298 p. Brasília – DF, 2006.

SILVEIRA, Luciano; PETERSEN, P.; SABOURIN, Eric (org.). *Agricultura familiar e agroecologia no semi-árido. Avanços a partir do Agreste da Paraíba*. Rio de Janeiro: ASPTA, 2002.

i Este projeto foi apoiado pelo Edital MCT-INSA/CNP/CT-Hidro/Ação transversal nº 35/2010 – Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido Brasileiro, Linha temática IV – Capacitação de educadores e agentes de extensão;